

O caminho de Alcácer Quibir: Plano, marcha e batalha, ou a dinâmica da forma militar

The road to Alcácer Quibir: planning, marching and fighting, or the dynamics of the military form

*Luis Filipe Guerreiro da Costa e Sousa**

Universidade Nova de Lisboa (CHAM, FCSH)

Resumo

Pretende-se enquadrar a batalha de Alcácer Quibir no contexto da arte militar quinhentista: 1) destacar as componentes do processo conceptual e prática operacional, apontando alguns pontos de contacto com o processo de concepção arquitectónico; 2) analisar a problemática que envolveu o planeamento da formatura, a sua relação com a organização da coluna de marcha do exército, e a respectiva transposição para a ordem de batalha definitiva.

Palavras chave

D. Sebastião, Alcácer Quibir, Arte militar quinhentista, Terços, Esquadrões.

Abstract

It is intended to analyse the battle of Alcácer Quibir in the context of 16th century military art, in regard with the following items: 1) highlight the components of the conceptual process and operational practices, pointing out some points of

* Investigador integrado. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Av. de Berna, 26, Edifício ID -1069-061, Lisboa - Portugal. Correo electrónico: costaesousa.luis@gmail.com

contact with the process of architectural design; 2) to analyze the planning of the order of battle design, its relation with the organization of the marching column, and its transposition to the final battle array.

Keywords

D. Sebastião, Alcácer Quibir, Renaissance Art of War, Terços, Esquadrões.

“Em arquitectura, o programa de um edifício, a sua transformação na ideia de um projecto, os requisitos decorrentes das necessidades que o edifício deve satisfazer, assim como os símbolos que deve exprimir – todos estes factores impedem que o processo de ordenação evolua para uma maior simplicidade, simetria, regularidade, etc.”¹

Durante o Renascimento de Quatrocentos e Quinhentos, o campo de batalha foi o lugar privilegiado onde se experimentaram novas tecnologias, das quais se destacam todas as ciências associadas com o desenvolvimento da pirobalística. Desenvolveu-se a escrita teórica, que aprofundou um vocabulário especializado. Mas tratou-se também de um complexo fenómeno visual. A organização do exércitos envolveu a utilização de alguns dos princípios de composição utilizados na arquitectura, como as relações de simetria e proporção, e de técnicas de concepção e representação gráfica das Artes visuais. Tal como na arquitectura, a transposição das propostas teóricas para a realidade operacional consistia num processo dinâmico que podemos sistematizar em três fases distintas: o planeamento prévio da disposição dos soldados, a organização da ordem da marcha do exército, e a construção do dispositivo definitivo de batalha.

A profusão documental que subsiste sobre a batalha de Alcácer Quibir, em especial no que respeita aos textos escritos em primeira mão, permite reconstituir com alguma certeza e detalhe, a forma como se organizou o exército de D. Sebastião. A análise comparada dos vários relatos presenciais revela um aspecto particularmente interessante: existiu uma diferença substancial entre o dispositivo planeado no conselho de guerra de finais de Julho, e a ordem de batalha efectivamente adoptada para combater no dia 4 de Agosto. Ter prova factual da articulação entre o planeamento e a prática no campo de batalha é um dado especialmente significativo, e que só em época mais tardia é possível descortinar.

¹ ARNHEIM, *A Dinâmica da Forma Arquitectónica*, pp. 138-139.

Tabela 1.

Relações presenciais da batalha de Alcácer Quibir

Autor	Data publicação	Título abreviado	Suporte
Frei Luís Nietto	1578	<i>Relación de las guerras de Berberia</i>	Manuscrito
	1579	Edição francês	Impresso
	1580	Edição latim	Impresso
D. Duarte de Meneses?	c.1578	<i>Relacion...</i>	Manuscrito
Médico do <i>xarife</i>	c.1578	<i>Lettre du medecin juif...</i>	Manuscrito
Anónimo espanhol	c.1578	<i>Relacion de una carta...</i>	Manuscrito
Anónimo italiano	c.1578	<i>Relacion</i>	Manuscrito
Simão da Cunha	c.1578	<i>Relação</i>	Manuscrito
Anónimo	c.1578	<i>Notas na relação de Simão da Cunha</i>	Manuscrito
Filippo Terzi	1579	Cartas	Manuscrito
Luís de Oxeda	c.1582-86	<i>Comentario...</i>	Manuscrito
Bernardo da Cruz	c.1580	<i>Chronica de D. Sebastião</i>	Manuscrito
Góis Loureiro atr.	c.1588-95	<i>Jornada d'el-rei D. Sebastião...</i>	Manuscrito
Anónimo	Séc. XVI	<i>Crónica do Xarife...</i>	Manuscrito
Anónimo <i>africano</i>	Séc. XVI	<i>Jornada de África del rey...</i>	Manuscrito
Jerónimo Mendonça	1607	<i>Jornada de África</i>	Impresso
Miguel Leitão Andrada	1629	<i>Miscellanea</i>	Impresso

É raro conseguir dados objectivos que permitam uma comparação entre os dispositivos tácticos planeados com a forma com que as tropas efectivamente combateram. A ordem de marcha do exército espanhol, provavelmente na batalha de Mook, foi descrita por Francisco de Valdés². A disposição das forças isabelinas na parada de Tilbury (Agosto de 1588) está também documentada com um desenho precioso existente no National Archives, Public Record Office. O caso mais notável sobre o qual dispomos de informação detalhada, tanto no suporte escrito como gráfico, é a sequência de desenhos com as ordens de batalha dos exércitos sueco e imperiais durante a campanha de Lützen (1632).

O efectivo do exército de D. Sebastião encontra-se descrito com razoável detalhe e de maneira quase unânime pelos vários cronistas presenciais (tabela 1). O contingente consistia em sete “*terços*”, três de soldados mercenários, a tropa que hoje se poderia designar de choque, e outros quatro de soldados levantados em várias comarcas do reino.

2 VALDÉS, *Espejo y Disciplina Militar*, 44.

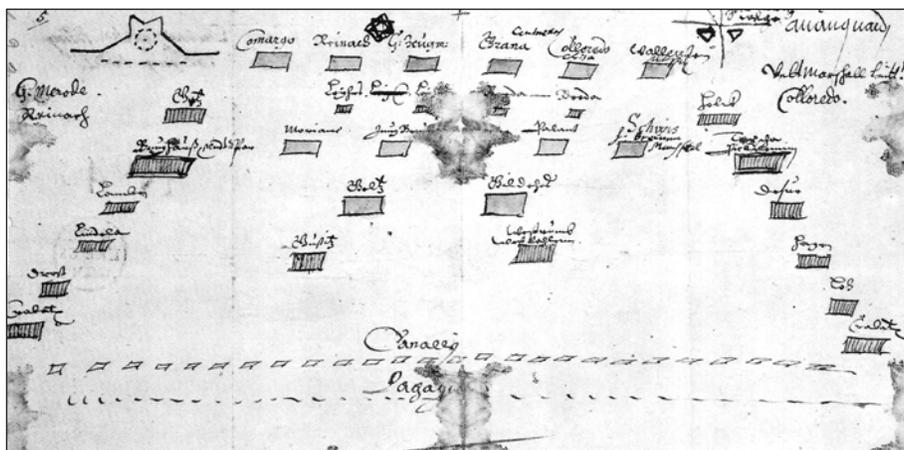


Figura 1.

Ordem de batalha imperial em Weissenfels, ©Heeres Museum, Viena.

Tabela 2.

Os “terços” de Alcácer Quibir

“Terços”	Coronéis	Nº Companhias	Efectivo
Aventureiros	Álvaro Pires de Távora	?	1.400
Espanhóis	D. Alonso Aguilar	8-11	1.600
“Tudescos”	Martim de Tanenberg	12	2.700
Italianos	Thomas Stuckeley	3-4	600
Soldados de Tânger	Alexandre Moreira	?	600?
Ordenanças	Francisco da Silveira	12	2.000
Ordenanças	Diogo Lopes de Sequeira	12	2.000
Ordenanças	D. Miguel de Noronha	12	2.000
Ordenanças Alentejo e Algarve	Francisco de Távora	12	2.000

Um dado ausente de todas as relações da batalha escritas pelos seus veteranos, diz respeito à existência de um plano inicial – um projecto – para utilizar uma linguagem arquitectónica. Este plano foi, muito provavelmente, gizado no decurso de um conselho de guerra que terá tido lugar em Arzila³. Foi então decidido que os três “terços” com as tropas mais escolhidas deveriam formar em dois “esquadrões”; os restantes quatro,

3 SILVA, *Carta de 27 de Julho 1578*, Coleccion de Documentos Inéditos para la Historia de España, tomo XL, p. 83.

constituídos pelos soldados Portugueses levantados no Reino, formariam outros dois “*esquadrões*”. A diferença entre a forma planeada e a configuração com que o exército combateu no dia 4 de Agosto, resultou em discrepâncias de pormenor entre as descrições escritas pelos veteranos da batalha, em especial no que respeita à configuração da forma do exército⁴.

A formatura planeada teria assim uma forma quadrangular, próxima da geometria de um quadrado perfeito. A formatura quadrangular encontra-se referenciada na generalidade tratadística militar quinhentista, como por exemplo, numa gravura do tratado de Domenico Mora publicado em 1570. Francisco de Valdés considerava o “*esquadrão quadrado*” como o “*mais proporcionado, com igual fortaleza na vanguarda e retaguarda*”⁵, e defendia ser este o mais indicado para resistir ao ataque de um inimigo com um efectivo de cavalaria superior. Esta era a situação mais comum no Norte de África, e em operações militares como a expedição espanhola a Orão em 1509, ou na conquista de Azamor em 1513, os soldados foram de facto organizados em dispositivos quadrangulares⁶.

A configuração geométrica de uma formatura militar estruturava-se em função de uma malha reticulada de traçado ortogonal. Cada recícula era preenchida com um soldado, e obedecia a uma métrica rígida. Esta métrica era determinada não só pelo espaço físico ocupado por cada homem, mas também pelo espaço necessário para o soldado manusear a sua arma. Colocar os soldados em posição no terreno, fosse para batalha ou em parada, designava-se por “*ordenar o esquadrão*”. No dia da batalha de Alcácer Quibir, a organização da cavalaria ficou a cargo do próprio rei, que também assumiu pessoalmente o comando de “*400 homens de armas e 200 ginetes*”⁷: estes 600 homens foram distribuídos da seguinte forma: “*25 fileiras de 24 em fileira, com que ficava em forma quase quadrada*”⁸.

Esta tipologia quadrangular, “*quase quadrada*”, era designada na época como “*esquadrão quadro de gente*”. O método corrente para “*ordenar um esquadrão*”, descrito na maioria dos manuais militares da época

4 Uma das discrepâncias mais gritantes encontra-se na relação de Conestaggio, que descreve uma ordem de batalha triangular (CONESTAGGIO, *Dell'Unione del regno di Portogallo alla Corona de Castiglia*).

5 Francisco de VALDÉS, *Espejo y Disciplina Militar*, p. 40.

6 V. SOUSA, “Revisitar a batalha de Alcácer Quibir”, pp. 111-159.

7 ANÓNIMO, *Jornada de África del Rey D. Sebastião Escrita por um Homem Africano*, p. 26.

8 ANÓNIMO, *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e D'El-Rei D. Sebastião*, p. 184.

ca⁹, obrigava à extracção da raiz quadrada ao efectivo total disponível: o resultado da operação indicava o número de soldados a colocar em cada fileira e o total de fileiras da formatura. A raiz quadrada de 600, o efectivo do “*batalhão*” comandado por D. Sebastião, é 24. Os seus 600 cavaleiros repartiram-se por 24 fileiras, cada uma com 24 homens. A estas 24 acrescentou-se uma 25^a fileira, com o quantitativo resultante das “*sobras*” da operação aritmética: 24 cavaleiros de cada fileira, multiplicados por 24 fileiras totalizam 576 homens; subtraídos aos 600 disponíveis, restam 24, ou seja, uma fileira completa.

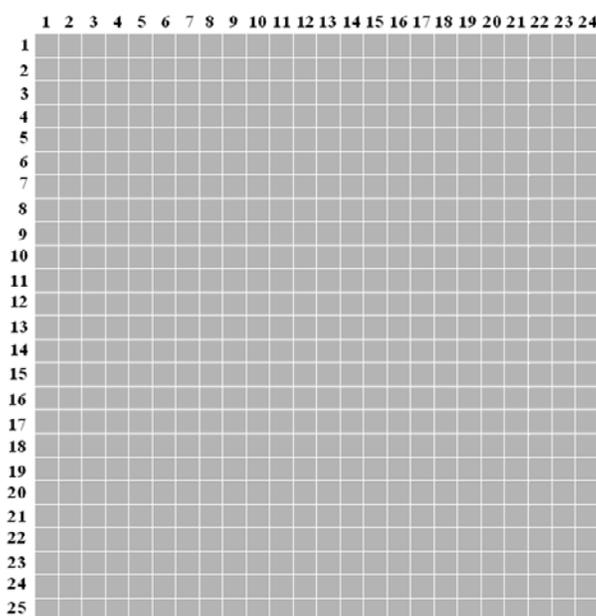


Figura 3.

A configuração geométrica do “batalhão do rei”

*“Quem manda quer se faça um esquadrão quadro de gente”*¹⁰

*“Para isso tiro a raiz quadrada do dito número”: $\sqrt{600} = 24$ e sobram 24; “o número que for tantos soldados terá o tal esquadrão por frente e outros tantos por fundo”*¹¹; 24 homens em 24 fileiras, acrescentando uma 25^a com as sobras das operações aritméticas.

9 Della Valle, Cataneo, Valdés, Afonso de Melo, Alava y Viamont e Vasconcelos, já mencionados, mas também Matheo Giovanni Cicoogna (1567), Luís Gutiérrez de la Veja (1569), Juan de Carrión Pardo (1595) e Luís Álvaro Seco (1597).

10 SECO, “Anotações ao quarto livro das instruções militares de Isidoro de Almeida”, pp. 205-229.

11 *Ibidem*, p. 213.

O exército português seguiu por terra em direcção ao objectivo oficial da expedição. O território era potencialmente hostil, portanto tornava-se necessário delinear um dispositivo que facilitasse a construção da formatura definitiva no mais breve espaço de tempo possível. Conhecem-se os métodos de organizar a formatura do exército a partir da coluna de marcha. Podia-se desenhar “no chão o espaço que lhe parece [ao sargento-mor]”¹², para depois aí dispor “de soldados a tantos por fileira como no espaço cabem”¹³. Contudo, o método mais vulgarizado era outro, designado por “redobrar fileiras”:

*“Es hacer redoblar las filas, y este es que la segunda entre la primera, y la cuarta entre la tercera, y la sexta en la quinta; y assí sucesive hasta tanto que donde el las eran ciento a cinco por fila, queden en cincuenta filas a diez hombres por fila.”*¹⁴

Este método foi descrito por vários autores como Batista della Valle (1521) Girolamo Cataneo (1563), Francisco de Valdés (1578), Martim Afonso de Melo (c.1567?), Diego de Alava y Viamont (1590) ou Luís Mendes de Vasconcelos (1598-1612), citando apenas alguns dos tratadistas mais significativos.

A coluna de marcha foi organizada em três linhas: *vanguarda*, *batalha* e *retaguarda*. Durante a semana que durou a movimentação dos mais de 20.000 homens do exército sebástico, a posição dos sete “terços” alternou-se em cada linha; na frente seguia a artilharia, precedida pelos cavaleiros de Tânger; e, mais à frente, seguiam outros 100 cavalos em exploração. No meio estava a bagagem e o grosso da cavalaria, que contava com um número substancial de “acobertados” – cavalaria pesada – repartidos pelos dois flancos.

O ponto de partida para reconstruir a configuração da forma dos “esquadrões” do exército de D. Sebastião encontra-se, novamente, na tratadística. Segundo Luís Mendes de Vasconcelos, um “esquadrão” de cavalos deveria ter “a mesma proporção” – a forma, entenda-se – “que o esquadrão

12 Era ao sargento-mor, um dos postos mais elevados da hierarquia militar da época, que competiam as difíceis tarefas de organizar as formaturas no campo de batalha. Para mais detalhes sobre a problemática dos “cargos militares”, tema caro da tratadística da segunda metade do século XVI e início do século XVII, v. SOUSA, *Construir e desconstruir a guerra em Portugal 1568-1598*, pp. 423-433.

13 VASCONCELOS, *Arte Militar*, p. 136.

14 SALAZAR, *Tratado de Re Militari*, p. 143.

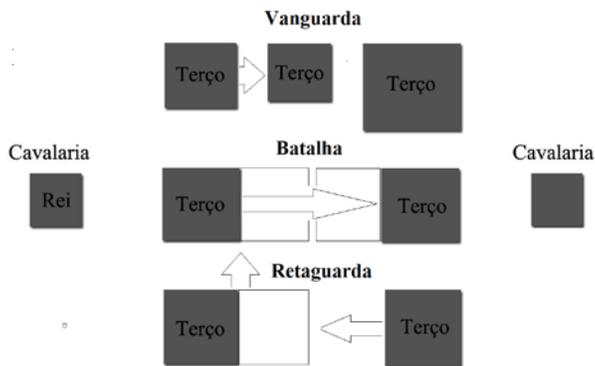


Figura 5.

Da ordem de marcha à formatura planeada

Cerca de 5.000 cavaleiros magrebinos aproximaram-se da retaguarda do exército onde, nesse dia, seguiam as tropas comandados pelo coronel Vasco da Silveira. Foi dada ordem para juntar os dois terços num único “*esquadrão*” de forma rectangular, cujos lados se protegeram com atiradores, reforçando ainda dois vértices deste polígono com dois canhões (“*esmerilhões*”). A cavalaria, comandada pelo rei, colocou-se na frente. Os restantes “*esquadrões*” terão mantido a posição que ocupavam no dispositivo de marcha.

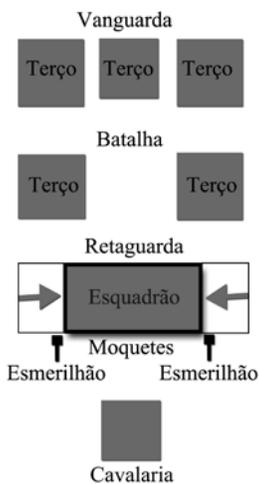


Figura 6.

Construção da formatura no dia 3 de Agosto

No dia da batalha, o exército combateu com uma formatura diferente do desenho planeado em Arzila. A primeira linha manteve a configuração de marcha, e apenas os aventureiros avançaram um pouco em relação aos companheiros: os espanhóis na esquerda (“onde ameaçava o maior golpe de inimigos”), e os alemães na direita (“porque deste lado os assegurava o rio”)¹⁶.

Os dois terços da 2ª linha, a cargo do coronel Vasco da Silveira juntaram-se, tal como no dia anterior, num “esquadrão” rectangular de acordo com o planeado. Na esquerda deste esquadrão “de 20 bandeiras com quase cinco mil homens”¹⁷, o espaço livre onde devia ficar outro esquadrão – construído com os dois “terços” da retaguarda – foi fechado com os cerca de 500 carros que transportavam a bagagem. Na retaguarda, os “terços” de Francisco de Távora e D. Miguel de Noronha mantiveram os seus lugares, protegidos com cerca de 300 atiradores apoiados por 2 ou 3 canhões. No essencial, o exército combateu organizado nas mesmas três linhas com que marchava.

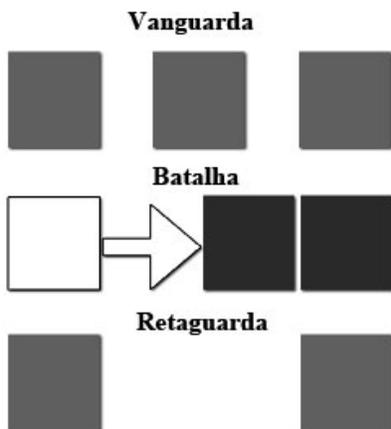


Figura 7.

Ordem de marcha à ordem de batalha definitiva

Um dos relatos presenciais da batalha dá-nos uma perspectiva de conjunto da formatura do exército no dia 4 de Agosto: O autor segue o ponto de vista de D. Sebastião quando se dirigiu para um coche que “que

¹⁶ Relation de Luís de Oxeda, *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, t.1, 1905, pp. 601.

¹⁷ ANÓNIMO, *Crónica do Xarife...*, p. 195.

tinha mandado ir à sua ilharga ...”¹⁸, entre o “batalhão” da cavalaria (que ele próprio comandava) e os soldados espanhóis. Trata-se de um movimento dinâmico, com uma curiosa semelhança com a linguagem cinematográfica: o chamado “travelling lateral”, ou seja, um movimento horizontal, quando a câmara se desloca paralelamente ao objecto filmado.

A descrição começa na frente do exército, com o ponto de vista (figura 8, ①) centrado na “Vanguarda”: “continuou ao longo do terço dos castelhanos...”; o ponto de vista (figura 8, ②) desloca-se para a segunda linha, a “Batalha”, “... um pouco atrás onde ficava uma praça para os pagens e cavalos”; este espaço livre encontrava-se protegido, pelo exterior, com as “carretas com toda a bagagem dentro delas, de longo dos esquadrões pela mão esquerda”; por fim, chega-se à “Retaguarda” do exército (figura 8, ③), “... e o terço de Francisco de Távora...”¹⁹.

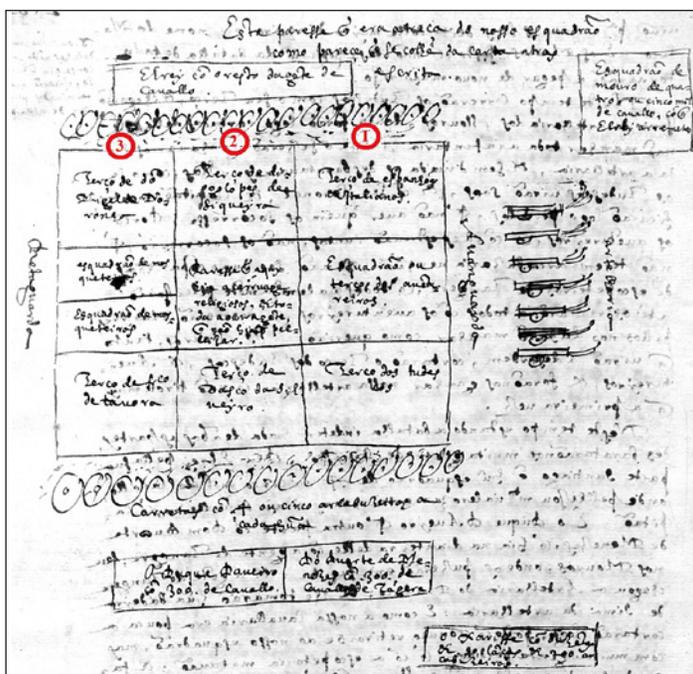


Figura 8.

Os três pontos de vista, assinalados no esboço do veterano português, c.1579, BN Portugal

18 ANÓNIMO, *Crónica do Xarife...*, p. 187.

19 ANÓNIMO, *Crónica do Xarife...*, p. 195.

Continua muito para dizer (e escrever) sobre Alcácer Quibir. O leque de assuntos que envolve ainda carecem de aprofundamento e debate, como é o caso das movimentações diplomáticas que antecederam a campanha militar, ou o complexo processo de preparação da expedição. A perspectiva que se apresentou, um ponto de vista arquitectónico sobre a organização do campo de batalha, pretende demonstrar a potencialidade de um tema que continua tão apaixonante e polémico como desde o fatídico dia 4 de Agosto de 1578.

Fuentes y Bibliografía

- ANÓNIMO, *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e D'El-Rei D. Sebastião*, Europress, Odivelas, 1987, p. 184.
- ANÓNIMO, *Jornada de África del Rey D. Sebastião Escrita por um Homem Africano*, INCM, Lisboa, 2004.
- ARNHEIM, Rudolf, *A Dinâmica da Forma Arquitectónica*, Editorial Presença, Lisboa, 1988.
- BERTHIER, Pierre, *La Bataille de l'Oued el-Makhazen. Dite bataille des Trois Rois (4 Aout 1578)*, CNRS, Paris, 1985.
- BOVILL, E. W. *The Battle of Alcazar*, Batchword Press, London, 1952.
- COOK., Weston, J. R., *The Hundred Years War for Morocco. Gunpowder and the military Revolution in the Early Modern Muslim World*, Westviwe Press, Boulder, 1994.
- CONESTAGGIO, Jeronimo, *Dell'Unione del regno di Portogallo alla Corona de Castiglia*, Girolamo Bartoli, Genova, 1589.
- CRUZ, Fr. Bernardo da, *Chronica D'El Rei D. Sebastião*, Escriptorio, Lisboa, 1903.
- NEKROUF, Younès, *A Batalha dos Três Reis*, Inquérito, Mira-Sintra, 1988.
- SALAZAR, Diego de, *Tratado de Re Militari*, Ministerio de la Defensa, Madrid, 2000.
- SECO, Luís Álvaro, “Anotações ao quarto livro das instruções militares de Isidoro de Almeida”, *Separata do Boletim do Arquivo Histórico-Militar*, v.23, Arquivo Histórico Militar, Lisboa, 1952, pp. 205-229.
- SILVA, Juan da, *Carta de 27 de Julho 1578*, Coleccion de Documentos Inéditos para la Historia de España, tomo XL, Viuda de Calero, Madrid.

- Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, première série, archives et bibliothèques de France, t.1, Paris, 1905.
- SOUSA, Luís Costa e, *Alcácer Quibir 1578. Visão ou delírio de um rei?*, Tribuna, Lisboa, 2009.
- SOUSA, Luís Costa e, *Construir e desconstruir a guerra em Portugal 1568-1598*, IESM, Lisboa, 2015.
- SOUSA, Luís Costa e, “Revisitar a batalha de Alcácer Quibir”, *e-Strategica*, nº 1, 2017, pp. 111-159.
- VALDÉS, Francisco de, *Espejo y Disciplina Militar*, Ministerio de la Defensa, Madrid, 1989.
- VASCONCELOS, Luís Mendes de, *Arte Militar*, Vicente Alvarez, Alenquer, 1612.
- VELOSO, Queirós, *D. Sebastião 1554-1578*, Imprensa Nacional de Publicidade, Lisboa, 1945.

Fecha de recepción: 14-1-2018

Fecha de aceptación: 13-04-2018

